

Introdução

Suely Messeder
Mary Garcia Castro
Laura Moutinho
(orgs.)

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MESSEDER, S., CASTRO, M.G., and MOUTINHO, L., orgs. Introdução. In: *Enlaçando sexualidades: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero* [online]. Salvador: EDUFBA, 2016, pp. 9-16. ISBN: 978-85-232-1866-9.
<https://doi.org/10.7476/9788523218669.0001>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Introdução

De lá pra cá são quase 10 anos de existência do Seminário Enlaçando Sexualidades, motivo de sobra para comemorarmos, sobretudo, pela possibilidade de publicarmos nossas palestras transformadas em textos neste livro.

Digo transformadas porque não existe uma mera transcrição em nossas falas transcorridas nas mesas no decorrer dos dias 27, 28 e 29 de maio de 2015, mas sim parafraseando Emerson Inácio em seu texto aqui publicado, quando nos alerta sobre a função da literatura:

função reformadora ou, talvez, deformadora que a literatura tem, não só de se demarcar como uma outra linguagem distinta das mídias e suportes mais usuais, mas, sobretudo como forma de linguagem em que se estabelece também a diferença: pela exposição daquilo que o senso comum majoritário consideraria não literário, não digno de representação e antissublime é a que a literatura, efetivamente, hoje se faz.

As nossas falas, quando transformadas em literatura científica perde a sua função de informar para uma audiência viva, perde na ambiência dos murmurinhos, perde na riqueza dos gestuais incorporados na cena. A nossa fala transformada em texto ganha uma linguagem distinta que se estabelece em regras publicáveis regidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e pela editora. E daí, a linguagem científica não consegue alcançar o mesmo público, felizmente as nossas falas não morrem em nossos textos, elas permanecem possivelmente na memória das múltiplas audiências que circulam no Seminário Enlaçando Sexualidades. Estas múltiplas audiências constituíssem em diversas comunidades de saberes, não somente a científica.

Por falar nas diversas comunidades de saberes que circulam no Enlaçando Sexualidades é preciso registrar o Prêmio Gabriela Leite pensado por Claudia Mayorga e acolhido em nosso território. Curiosamente, esse prêmio provocou por parte de um pesquisador presente, embora estrangeiro dos estudos sobre sexualidades e relações de gênero, uma surpresa, e ironicamente, ele retrucou-me: esse prêmio será qualificado em nosso currículo lattes, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) irão reconhecê-lo? Certamente, este prêmio não terá o reconhecimento das agências de fomento e de regulamentação do “fazer científico”, mas Gabriela Leite possui uma história no campo da militância. A história de vida, as experiências, os pensamentos e as ideias de Gabriela Leite nos promove reflexões menos preconceituosas sobre a prostituição feminina. Teremos oportunidade de ler sobre esta mulher em nosso último artigo escrito a quatro mãos por Leticia Cardoso Barreto e Claudia Mayorga.

Tecer comentários sobre mulheres prostitutas nos coloca no lugar político dos sujeitos abjetos, e nos permite contextualizar Salvador, território do Seminário Enlaçando. No início do mês de maio, um pouco antes deste evento, chovia torrencialmente e, em consequência, corpos de mulheres e homens pretos e pobres baianos padeciam soterrados. Esta tragédia pre-

viamente anunciada não é fenômeno novo. Foram 21 corpos soterrados pelos deslizamentos de terra em bairros pobres. Eles e elas foram anunciados na televisão com nome e sobrenome, embora verdadeiramente, como nos diz Galeano em seu poema “Los nadies”: “Que no tienen um nombre, que tienen un número”, eles e elas foram apenas números em nossa urnas, e tornaram-se fácil e tragicamente: 21 corpos sem vida.

Velhas urgências e novas e efetivas políticas públicas preventivas, cujas materialidades não se revelam pelas festas, pelas grandes construções. Políticas públicas preventivas não fascinam os olhares ávidos constituídos pela espetacularização das imagens, mas têm a ver com outros sentidos que importam menos em nossas relações do cotidiano. Tais corpos pouco importaram.

Sobrelevo que essa insólita tragédia não é somente causada pelas catástrofes naturais ou supostamente tão naturais – mas também pela violência do cotidiano que massacra a juventude negra – jovens homens negros que morrem, mulheres que morrem ao abortar em estatísticas subnotificada. Sabemos que morrem mulheres negras, travestis e transexuais mortos, putas. Em verdade tais pessoas não morrem! São mortas! E, com tudo isso, fabrica-se o pânico moral, e ele se infiltra, se transmuta em rizomas e se pulveriza em nossas interações cotidianas.

E por falar em pânico moral, tentarei articular como fio condutor as moralidades e famílias como estruturantes desta publicação, embora outros temas apareçam na circularidade das sexualidades e das relações de gênero. Por isso, intitulamos o nosso livro *Enlaçando sexualidades: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero*. Gosto de pensar “na moral” a partir da *Genealogia da Moral*, porque narramos sobre a crueldade humana para além do bem e do mal e da dicotomia natureza e humanidade.

Com isto, me reporto a uma conversa entabulada, nos idos de 2000 no congresso da Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP) com um homem negro, baiano, baixinho:

Rapaz para me impor com esse corpinho, entre nós da periferia, eu tive que me virar e daí me reconhecer e reinventar novas estratégias de sobrevivência. Sei muito bem o que é o mau e o bom e nunca tive pretensões de negar a mim mesmo. Veja bem, com tantos limites físicos, tive que entender que a minha ruindade e bondade residia em mim mesmo.

12
☞

Curiosamente, essa conversa trasladou-se no tempo, e consigo abreviá-la na moral do nobre e na moral do escravo e entendê-la partindo do corpo como referência. Aqui não pretendo me embrenhar no debate nietzschiano. Desejo tão somente sublinhar que nós, Marias e Joãos Ninguéns, temos como ponto de partida o corpo e não a negação dele. O corpo como a nossa morada e a morada da razão e, daí penso o corpo encarnado racializado, engendrado, cujo conteúdo e forma comporta num único golpe os marcadores sociais considerados negativos.

E somos nós que nos arvoramos a fazer ciência? Nós, os destituídos de uma razão pura. Nós, que somos a morada do nosso corpomente e mentecorpo, e não queremos negá-los como foi falsamente negado. Nós, exatamente os imorais destituídos das relações simbólicas positivas. Nós, que nos erguemos em nossas inutilidades e nunca louvamos as nossas ações – porque simplesmente reagimos. Nós que crescemos com algo na cabeça imaginado como ruim – o cabelo. Nós, os condenados da terra e, certamente, nós, que devemos nos interpelar sobre como reagimos/agimos aos tentáculos da Ciência do Norte.

Em 2014, no Seminário Gêneros e Sexualidades em Fluxo fui provocada por Miriam Grossi a pôr em visibilidade a imagem da Ciência que pratico e, em resposta, me reportei à utopia na qual concebo a Ciência que pratico nos projetos contemplados nos editais das agências de fomento. Tal ciência tem como princípio a colaboração e o compromisso entre nós pesquisadores(as), contrapondo-se a uma ciência competitiva.

Como aprendo muitíssimo como a produção escrita de Mãe Stella de Oxóssi, invisto sobre o seu conceito de Compromisso, e tenho em alta estima o Compromisso não, meramente como uma reação, mas sim, como

uma ação fortalecida em minha ancestralidade. Em 2014, no VII Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura (ABEH), tive oportunidade de desenvolver a ideia de compromisso articulado com a ideia de rede de coalizão, cujo interesse é reunir pesquisadores(as) em seus saberes localizados numa teia mais colaborativa. Possivelmente essa publicação é fruto desta rede de pesquisadores(as) que se encontram nestes territórios de produção de saberes científicos e ativismo acadêmico.

Nesta coletânea reunimos texto que compuseram o “fazer interdisciplinar” do reino das sexualidades e das relações de gênero seja pelos temas desenvolvidos, seja pelo campo disciplinar que se alocam os(as) nosso(as) pesquisadores(as). Ao longo do livro somos convidados(as) a ver essa proliferação de linguagens quando nos deparamos com a escrita de antropólogos(as) sociólogos(as), psicólogos(as), advogados(as), educadores(as), filósofos, profissionais de letras e comunicólogos. Curiosamente, as caixas disciplinares sofrem abalos sísmicos provocados pelos dispositivos das sexualidades e das tecnologias de gênero, uma vez que a “fictícia” rigidez das fronteiras disciplinares e dos seus respectivos objeto de estudo inventada pela modernidade não nos ajuda a responder aos problemas complexos e híbridos que enfrentamos em nossos cotidianos. Para além da rigidez fronteiriça arrostadas por nós, atravessamos uma época marcada por pesquisas desenvolvidas pelos sujeitos, outrora vistos como “objeto de estudo”, neste caso mais específico são os(as) pesquisadores(as) transexuais que investigam e discursam sobre suas posições no mundo.

Daí, voltamos os nossos olhares para os textos que nos foram encaminhados pelos autores que compuseram as mesas e ministraram as conferências. Começamos com Mara Viveros com seu texto “Blanqueamiento social, nación y moralidad en América Latina” a autora nos envolve em sua escrita descortinando o processo de branqueamento e suas contações morais em terras latinas.

Em seguida navegamos com a produção do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica

do Salvador (UCSal) com os textos de Mary de Castro, José Menezes e Fernanda e, por fim Enézio de Deus. Coincidentemente, nos idos de 1964, assistimos a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, e mais recentemente presenciamos em menos de um mês da realização do Seminário Enlaçando, a reedição deste movimento conservador, embora apenas intitulada Marcha da Família. A primeira marcha nos conduziu para uma análise histórica e contextualizada do Golpe de 1964, ela foi protagonizada por setores católicos da classe média urbana, bem como por políticos conservadores (a Ação Democrática Parlamentar), pela elite empresarial – reunida no Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES) e pelos movimentos femininos. Aqui, arriscamos a analisar que, 50 anos depois, assistimos a segunda Marcha da Família como uma espécie do prenúncio do Golpe Contra o Governo da Presidenta Dilma. No livro *Deus, Pátria e Família: as mulheres no golpe de 1964*, Solange Simões nos explica que a inserção das mulheres foi estratégica na conspiração que desembocou no golpe. Na marcha atual, a mídia responsabiliza a Cristina Peviani, como das organizadoras do evento, cujo objetivo dela seria “fazer valer a ideia de que existe a família conservadora no Brasil”.

Certamente, o texto de Mary Castro nos arranca deste marasmo ideológico sobre esta família conservadora no Brasil, e nos traz à tona a família, cujo chefe da casa é a mulher. Neste caminho, a autora nos conduz aos modos de valorar o binômio família e maternidade em algumas perspectivas feministas, e daí nos lembra da história recente sobre a mãe do “bandido”, morto, que da sua dor tira coragem para brigar por lhe dar a dignidade de um túmulo, ecoando dores de muitos, denunciando genocídios, como dos jovens negros neste Brasil pelo Estado policial. Com isto, Castro nos convida a deslocar a relação família e maternidade, para maternidade e sociedade, a mãe pública, figura que vem se fazendo cada vez mais presente, tirando a ética do cuidar do pequeno mundo da família, desafiando Estado, um estado de coisas, a desumanização destes tempos de barbárie.

Em seu texto, “Por uma microfísica do saber: os contornos da família”, José Menezes e Fernanda Leal se debruçam na obra *Primeiro Volume de História da Sexualidade* e a interrogam: a) é a família uma força de saber e de poder sobre a sexualidade de seus membros na letra de Michel Foucault? b) Qual é o estatuto dessa força? c) O que resulta do emprego dessa força sobre as subjetividades em constituição no seio da família? A preocupação dos autores é mostrar a ancoragem da psicanálise no conceito de família. Quando mergulhamos nas “Falas de que família(s)? Era uma vez papai, mamãe e filho(s)...”, nos deparamos com os comentários de Enézio de Deus sobre a mesa “Novos e velhos arranjos familiares”, cujo objetivo era expor as diversidades de família estruturada em nossas realidades, tais como: a) a chefia feminina na família baiana é decorrência da ausência do cônjuge e da falta de responsabilização dos pais (homens); b) a homoparentalidade; c) o poliamor. O autor nos provoca a refletir sob a perspectiva jurídica.

Na trilha da família nos deparamos com a infância, obviamente ela não poderia escapar ao debate das moralidades, com isto, nos deparamos com o texto “O programa bolsa família a partir das crianças beneficiadas: uma abordagem das moralidades engendradas pela condicionalidade escolar” de Flávia Pires, ela nos revela a interpretação que as crianças conferem à bolsa família em seu cotidiano escolar.

O debate entre educação e sexualidade foi tema privilegiado nas edições anteriores do Enlaçando e não poderia ser diferente em nossa quarta edição, sobretudo pela nossa estreita relação com a Associação Brasileira dos Estudos sobre Homocultura (ABEH), que teve em seu VII Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero a centralidade neste tema. Neste livro contamos com os textos Anderson Ferrary, Marcio Caetano e Eliane Maio que nos possibilita compreender como as sexualidades influenciam na vida dos estudantes.

Ainda, como herdeiros da ABEH, atentos ao despontar e na vanguarda dos estudos sobre homossexualidade (homocultura) na literatura, temos os textos “Nem toda a gente gosta do diferente: literatura, (de)formação do

leitor e Diversidade” e “A literatura e as constelações familiares: como instaurar outros ‘melhores mundos possíveis’”, respectivamente de Emerson Inácio e Renata Pimentel .

Caminhando na trilha do livro contamos com a escrita dos artigos elaborados por Bia Pagalhiri e Viviane Vergueiro, que nos permite o giro na formulação inteligível dos corpos masculinos e femininos, e com muita sabedoria apreciamos as ideias dos trans-feminismos, dos trans-corpos, das trans-sexualidades através das autoras. Para se afinar com o debate do trans-feminismo e as limitações do debate teórico feminista no campo das sexualidades, cotejamos o texto “Micropolíticas *queer*” de Fernando Pocahy. O autor nos convida a surfar sobre uma linguagem contaminada com palavras inventadas, por sua vez este neologismo nos reencata e nos produz uma vontade de nos encontrarmos com uma nova linguagem para além do androcentrismo, sexismo e “lgbtfobias”, com isto, nos reporta aos ensinamentos de Julia Kristeva.

Por fim, concluimos o nosso livro tecendo ideias no âmbito da filosofia sobre moralidades éticas com Dante Galeffi em seu texto “Moralidades: quando a heterogênesse ética se mostra criadora e livre de juízos de valores bipolares”, em seguida temos, não por acaso, o nosso último texto, “Gabriela Leite – histórias de uma puta feminista”. Nele, as autoras buscam destacar alguns pontos da trajetória pessoal e política de Gabriela Leite com o desejo de expor alguns dos legados que essa “puta feminista” deixou para a luta pelos direitos humanos das mulheres prostitutas.